

Apresentação: Dossiê Trabalho, cultura e política no início do século XXI

Presentation: Dossier Labour, culture and politics at the beginning of the 21st century

Presentación: Dossier Trabajo, cultura y política a principios del siglo XXI

**Márcio
MONETA**

marciomoneta@gmail.com

Professor de Sociologia da
Universidade Federal de Per-
nambuco - UFPE

**Henrique
AMORIM**

hamorim@unifesp.br

Professor de Sociologia da Uni-
versidade Federal de São Paulo
– Unifesp

6

Diante das transformações na produção e acumulação capitalistas nas últimas décadas, o dossiê que aqui apresentamos problematiza centralmente a relação entre trabalho, cultura e política neste início de século XXI. Inquirem-se as formas político-organizativas, bem como o substrato ou os sentidos de uma conflitividade a partir do trabalho e de corte classista. Adicionalmente, permeiam o dossiê investigações que dão conta de valores, autopercepções e aspirações laborais e suas implicações para a ação coletiva de trabalhadoras e trabalhadores.

Palavras-Chave: trabalho; classe; cultura; política.

Considering the transformations in capitalist production and accumulation in the last decades, the dossier here presented deals centrally with the relationship between labour, culture and politics at the beginning of the 21st century. The political-organisational forms, as well as the stuff and the meanings of a labour-based, classist litigiousness are inquired. The dossier is additionally comprised of inquiries into labour values, self-perceptions and aspirations and their implications for collective action.

Keywords: labour; class; culture; politics.

Dadas las transformaciones en la producción y acumulación capitalistas en las últimas décadas, el dossier que presentamos aquí problematiza centralmente la relación entre trabajo, cultura y política a principios del siglo XXI. Se investigan las formas político- organizativas, así como el sustrato o los significados de un conflicto de base laboral y e clasista. Además, en el dossier también se incluyen investigaciones que abordan valores, autopercepciones y aspiraciones laborales y sus implicaciones para la acción colectiva de trabajadoras y trabajadores.

Palabras clave: Trabajo, clase, cultura, política.

Diante das transformações na produção e acumulação capitalistas nas últimas décadas, o dossiê que aqui apresentamos problematiza centralmente a relação entre trabalho, cultura e política neste início de século XXI.

Nesse contexto, formas de dominação e exploração da classe trabalhadora são repostas e reorientadas. Constitui-se uma nova forma de trabalhar, precária, destituída de direitos trabalhistas e sociais, cuja subjetividade é interpelada por influxos ideológicos que acirram a competitividade e a concorrência no seio da classe trabalhadora. Trabalhadoras/es se distanciam, se isolam em suas residências, mais frequentemente tornadas locais de trabalho.

Algoritmos e tecnologias da informação prescrevem a atividade laboral e controlam o/a trabalhador/a individualizado/a, mas também os coletivos de trabalho – remotamente e em tempo real. A constituição da solidariedade de classe recobre-se de novas dificuldades.

Materializam-se novas experiências de classe e, nesse bojo, um novo quadro histórico de lutas e resistências políticas, que necessariamente precisam ser dimensionadas, esmiuçadas, analisadas. Assim, inquires-se aqui as formas político-organizativas, bem como o substrato ou os sentidos de uma conflitividade a partir do trabalho e de corte classista.

Adicionalmente, permeiam este dossiê

investigações que dão conta de valores, autopercepções e aspirações laborais e suas implicações para a ação coletiva de trabalhadoras e trabalhadores.

Os textos que seguem foram coligidos por meio de uma chamada pública. Nesse sentido, a edição do dossiê Trabalho, cultura e política no início de século XXI não teve por orientação qualquer busca por unidade teórica, inviável nessas circunstâncias. Destacamos, pois, a fortuna aportada pelos artigos selecionados: seus achados empíricos e suas contribuições analíticas. Em outras palavras, tais textos viabilizam a identificação de contornos mais precisos dos fenômenos sociais atinentes à temática do dossiê, num movimento simultâneo de observação empírica de suas manifestações, por meio da análise de categorias, setores ou segmentos específicos da força de trabalho, e de busca de refinamento conceitual, na interlocução com um rol variado de perspectivas teórico-metodológicas, bem como a partir da contribuição de reflexões abrigadas em distintas áreas ou disciplinas que constituem as ciências sociais.

O que o empreendedorismo representa de novidade?

Há mais de uma década, Lima (2010) interrogava o surgimento de uma nova cultura do trabalho. Esse questionamento condensa, em certo sentido, as reflexões da

crítica sociológica ao estado de coisas do mundo do trabalho na virada para o século XXI, diante das transformações na firma capitalista, na gestão da produção e da força de trabalho, bem como nos mercados de trabalho. Há um elemento de especificidade nacional a acometer o Brasil: vem uma nova informalidade, ou um processo de informalidade (Cacciomali, 2000), resultante de uma onda global que se avulta na última década do século XX, se junta a uma longa tradição laboral constitutiva do capitalismo periférico brasileiro ou mesmo latino-americano. Dito de outro modo, nessa nova cultura do trabalho há mais a ser observado do que seus elementos de novidade: há nela também um tanto de permanência.

Se, na primeira década do novo século, especialmente a partir de 2004, temos um interregno, uma retomada da ampliação dos postos de emprego formal no país,¹ a crise de 2015, agravada pelos eventos de 2016, representa um marco, a partir do qual o mercado de trabalho brasileiro volta a se deteriorar gravemente e chega a um quadro de drástica decomposição do emprego formal, com queda dos rendimentos do trabalho e extensão da subutilização da força de trabalho. Esse último período, assim, dá continuidade ao que se viu na década de 1990, com aprofundamento, mas também inovações – no que se destaca a chamada plataformização do trabalho (Krein, Gimeñez & Santos, 2018; Krein, Vêras de Oliveira & Filgueiras, 2019; Amorim, Moreira Cardoso & Bridi, 2022).

É nesse contexto que a noção de empreendedorismo reaparece com dinamismo no debate sociológico. É termo corrente no debate contemporâneo e, de modo mais específico, anima e inspira investigações concernentes ao trabalho em suas configu-

rações atuais. Via de regra, essa temática é acionada com vistas à denúncia de estratégias de diluição do vínculo formal de emprego e de obscurecimento da relação capital-trabalho ou, mais simplesmente, do assalariamento. Amorim, Moda e Mevis (2021) recorrem ao conceito gramsciano de modo de vida para pensar o empreendedorismo como uma forma contemporânea de americanismo (Gramsci, 2001), como elemento de forjamento subjetivo de um novo sujeito trabalhador. E, desse modo, para além de artefato ideológico, estamos tratando de instrumento de gestão do trabalho, a suscitar formas renovadas de controle, como o autogerenciamento. A cruzada de degradação do arcabouço protetivo laboral encontrou um momento crucial na caracterização do emprego protegido como contendo em si um elemento de privilégio (Bezerra, 2012), ao passo que buscou transfigurar simbolicamente o trabalho por intermédio de palavras de ordem alusivas a noções como empregabilidade e, notadamente, empreendedorismo (Machado da Silva, 2002; Lima, 2010). É assim, portanto, que, também como dispositivo propriamente ideológico, o fenômeno em questão carece de ser abordado, em seu papel de insumo para práticas de convencimento, de persuasão e de produção de consenso.

Em razão do que expusemos, a relação entre empreendedorismo e informalidade apresentou-se desde o início como uma discussão de interesse para este dossiê, especialmente considerando a tradicional e longa presença, nos mercados de trabalho dos países capitalistas latino-americanos, do engajamento massivo da força de trabalho em modalidades laborais distintas do assalariamento convencional (Oliveira, 2003; Moneta, 2017). É bastante

¹ É retomada porque o Brasil conheceu, entre as décadas de 1930 e 1980, uma expansão sustentada do mercado formal de trabalho (Guerra et al, 2007).

oportuna, portanto, a inclusão neste dossiê do texto *“O que é ser empreendedor para você?”: empreendedorismo, informalidade e aspirações laborais no Brasil*, de autoria de Thiago Peres.

O artigo se utiliza de diferentes técnicas de pesquisa, com dados quantitativos e qualitativos. Por um lado, baseando-se em dados secundários, busca relacionar, para um determinado país, as taxas de empreendedorismo e de informalidade e conclui pela existência de correlação positiva entre os dois elementos – do que o Brasil, argumenta, seria “um caso exemplar”. São cruciais as implicações aí contidas no que diz respeito aos sentidos daquilo que se nomeia empreendedorismo, como resposta a um mercado de trabalho pouco estruturado (Colbari, 2015).

Por outro lado, fazendo uso de entrevistas como técnica de pesquisa, em outra escala de observação, o autor analisa duas trajetórias de vida de indivíduos que, durante parte de suas “erráticas” (Cardoso, 2019) trajetórias laborais, passaram a trabalhar por conta própria e/ou se tornaram proprietária(o) de pequenos empreendimentos. Emerge aqui um panorama bastante mais nuançado do engajamento de trabalhadoras/es em modalidades laborais como essas – se quisermos, um panorama bastante mais nuançado do processo de produção de consenso entre elas/es. Os sentidos atribuídos ao trabalho em meios próprios passam pelas aspirações de autonomia que uma ocupação nesses termos, sem subordinação a uma hierarquia patronal, pode deixar ensejar. É dado relevante, ainda, o rechaço da entrevistada e do entrevistado ao enquadramento como “empreendedor/a”, o que está em consonância com os achados empíricos presentes em literatura diversa, exposta no texto. Na trilha do que propõe Moneta (2017, 2022), a propósito de manifestações da vontade de trabalhar para si, trata-se seguramente de apreender, nas manifestações relativas ao “empreendedorismo”, os elementos de consentimento

à relação de assalariamento, mas também aqueles de negação – trata-se, em suma, de auscultar os parâmetros de legitimidade de que se reveste concretamente a dominação capitalista no país.

O trabalho plataformizado, por certo

O chamado trabalho plataformizado tem justificadamente recebido preocupada atenção nos estudos do trabalho, como, aliás, anunciou a seção anterior. Nessa seara, experiências diversas nas Américas e na Europa despertam o interesse pelo exame da ação coletiva. Mais detidamente, tem se instigado a pesquisa para observação, por um lado, de práticas reivindicativas, por meio de associações, sindicatos e outras formas organizativas, aí incluído o exemplo dos breques dos apps (Bridi, 2022); e, por outro, de ações como o cooperativismo de plataforma (Grohmann, 2022).

Todavia, outros elementos reclamam investigação. Mais detidamente, no segundo artigo, Dinâmicas de competição e solidariedade entre motoristas, de Cristina Teixeira Marins e Rafael Rezende Borges de Araujo, podemos encontrar exposto, no interior de grupos de motoristas que trabalham para plataformas digitais, por meio de aplicativos, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o estabelecimento de relações de liderança, calcadas na expertise laboral e na promessa de mentoria para o atingimento de retornos monetários mais promissores no exercício da atividade de transporte de passageiros.

A partir de investigação informada por literatura antropológica e sociológica, podemos observar largamente como a interação por meio de programas informacionais de redes sociais, em especial o Instagram, levou à construção de uma sociabilidade entre esses motoristas. O uso cotidiano das redes sociais, presente inclusive durante a execução das práticas laborais, é porta de entrada para o cultivo, no interior dos gru-

pos, de laços solidários, de apoio mútuo, de compartilhamento de informações e de pertencimento; e também de velada, mas “acirrada” competitividade quanto à performance no trabalho.

Os procedimentos de investigação adotados pela autora e pelo autor em sua observação etnográfica abrangem não apenas o acompanhamento sistemático de publicações em redes sociais, mas também a realização de entrevistas em profundidade e de grupos focais, além da observação quando na condição de passageira(o), no consumo do serviço platformizado. Foi assim que puderam, ainda, coletar dados relativos às “percepções e aspirações” de tais trabalhadoras/es.

Elementos de convergência e de divergência entre Estados Unidos e China

Apesar da proeminência do caso brasileiro na argumentação aqui exposta, outras experiências são convocadas. O artigo de Iuri Tonelo e André Augusto de Paula Barbieri, Estados Unidos e China: Reestruturação produtiva e formas de resistência, apresenta valiosos panoramas para as duas principais economias globais. No texto, a partir de um conjunto vasto e diverso de dados secundários, oriundos de pesquisas de opinião e contagens oficiais, podemos visualizar as convergências e as especificidades que nos dois países caracterizam a organização do processo de produção nas mais diversas atividades econômicas, bem como a agitação laboral que se ergue em resposta.

O texto dá conta de um novo processo de reestruturação da produção capitalista “nos dois polos de tensão no tabuleiro internacional”. Trata-se, então, de mapear, em ambos os países, os caracteres tecnológicos e organizacionais da chamada indústria 4.0, bem como de um – outra vez presente aqui – capitalismo de plataforma. Setores os mais diversos são escrutinados. Uma contribui-

ção significativa do texto está no delineamento das condições laborais e do processo de trabalho na China, seja na indústria de transformação, de que o caso do setor de equipamentos eletrônicos de telefonia móvel é emblemático, seja do ponto de vista do trabalho platformizado de transporte de mercadorias; os autores fornecem vasto rol de evidências e tornam, assim, convincente a identificação de convergências com a produção de mercadorias em nações indiscutivelmente capitalistas – como os Estados Unidos.

Simultaneamente, vemos delineada a organização de trabalhadoras/es em formas mais e menos convencionais de ação coletiva. Na China, um destaque é o movimento grevista na indústria de celulares Foxconn, e ainda na indústria automotiva e de vestuário. Já as/os trabalhadoras/es da empresa de entrega de alimentos Meituan têm no seu repertório de ações contestatórias a desconexão da plataforma em horários de intensa demanda.

Quanto à classe trabalhadora norte-americana, são reunidos significativos elementos que apontam para um reavivamento da ação sindical em setores de vasta tradição, como a indústria automotiva, sem que se descuide da emergência de novas organizações sindicais em setores tidos até então como um desafio à organização laboral, como o de serviços. Os dados exibidos pelos autores ganham ainda mais sentido se lidos contra o pano de fundo da vitoriosa greve liderada pelo United Auto Workers (UAW)² em 2023, a que se sucedeu o investimento massivo do sindicato em campanha de sindicalização de novas plantas fabris automotivas em estados do Sul³; e pela bem sucedida iniciativa do sindicato de trabalhadoras/es da cadeia de cafés Starbucks: a companhia, depois de vasta ofensiva antissindical, aceitou entrar em processo formal de negociação.

Em geral, é possível observar um ressurgimento das lutas sindicais nos Estados Unidos, num contexto mais vasto de intensi-

ficação de lutas sociais. Destaca-se, na última década, o levante paredista de categorias como professoras/es, enfermeiras/os e trabalhadoras/es da hotelaria, na esteira de uma renovada ação do movimento socialista norte-americano e, mais remotamente, do movimento Occupy Wall Street, além do Black Lives Matter, mencionado explicitamente no artigo. É oportuno aludir a como o debate contemporâneo do feminismo da reprodução social alarga as veredas analíticas que se apresentam às questões aqui enfrentadas, especialmente, pela observação de que tais lutas, inscritas numa maré de enfrentamento antineoliberal, devem igualmente ser vistas em seu sentido de lutas de reprodução social, conforme indica Cinzia Arruzza (Mirkinson, 2019). Simultaneamente, a atividade sindical no setor de

serviços – caso das/os empregadas/os na plataforma Amazon – nos permite meditar sobre a possibilidade de formas organizativas de ação classista consideradas em crise encontrarem hoje expressão em novos processos de formação de classe, a partir de um proletariado de serviços, e repercutirem em segmentos mais tradicionais do sindicalismo (Antunes, 2018; Blanc, 2024).

O panorama aqui exposto está longe de ser exaustivo, uma obviedade a essa altura. Com satisfação, o que vemos nesse conjunto de artigos é a conformação de um mapa bastante significativo, capaz de apontar caminhos pelo quais podem andar outras investigações concernentes às questões suscitadas pelo dossiê, diante do desafio de fazer jus a toda diversidade nelas contida.



Referências Bibliográficas

- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviços na era digital*. Boitempo.
- Amorim, H., Moda, F., & Mevis, C. (2021). Empreendedorismo: Uma forma de americanismo contemporâneo? *Caderno CRH*, 34, e021018. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.36219>
- Amorim, H., Moreira Cardoso, A. C., & Bridi, M. A. (2022). Capitalismo industrial de plataforma: Externalizações, sínteses e resistências. *Caderno CRH*, 35, e022021. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v35i0.49956>
- Bezerra, G. A. das N. (2012). *O jogo pós-salarial: Questão social, redemocratização e capitalismo móvel no Brasil* [Tese de doutorado, Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/15482/1/tese%20Gustavo%20Bezerra.pdf>
- Blanc, E. (2024). Worker-to-Worker Organizing Goes Viral. *New Labor Forum*, 33(1), 77–83. <https://doi.org/10.1177/10957960231220914>
- Bridi, M. A. (2022). *Relatório de Pesquisa “Configurações do trabalho digital e ação coletiva no contexto pós-pandemia Covid-19: um estudo comparativo entre países latino-americanos”*. UFPR.

² O nome oficial do sindicato é International Union, United Automobile, Aerospace and Agricultural Implement Workers of America.

³ A ofensiva desencadeada pela nova direção da entidade inclui ainda o chamado à coordenação entre diversos setores do movimento operário norte-americano para alinhamento dos vencimentos dos contratos de trabalho, com vistas a que as futuras negociações se deem sob o espectro da preparação de uma greve geral em maio de 2028.

- Cacciamali, M. C. (2000). Globalização e processo de informalidade. *Economia e Sociedade*, (14), 153–174.
- Cardoso, A. M. (2019). *A construção da sociedade do trabalho no Brasil. Uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades* (2. ed.). Amazon.
- Colbari, A. de L. (2015). Do autoemprego ao microempreendedorismo individual: Desafios conceituais e empíricos. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 4(1), 169–193. <https://doi.org/10.9771/23172428ri-gs.v4i1.10909>
- Gramsci, A. (2001). Americanismo e fordismo. In A. Gramsci, *Cadernos do cárcere* (vol. 4, pp. 241-282). Civilização Brasileira.
- Grohmann, R. (2022). Plataformas de propriedade de trabalhadores: Cooperativas e coletivos de entregadores. *MATRIZES*, 16(1). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v16i1p209-233>
- Krein, J. D., Gimenez, D. M., & Santos, A. L. dos (Orgs.). (2018). *Dimensões críticas da reforma trabalhista no Brasil*. Curt Nimuendajú.
- Krein, J. D., Vêras de Oliveira, R., & Figueiras, V. A. (Orgs.). (2019). *Reforma trabalhista no Brasil: Promessas e realidade*. Curt Nimuendajú. <https://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2019/09/Livro-REMIR-v-site.pdf>
- Lima, J. C. (2010). Participação, empreendedorismo e autogestão: Uma nova cultura do trabalho? *Sociologias*, 12(25), 158–198. <https://www.scielo.br/pdf/soc/v12n25/07.pdf>
- Machado da Silva, L. A. (2002). Da informalidade à empregabilidade (Reorganizando a dominação no mundo do trabalho). *Caderno CRH*, 15(37), 81–109. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v15i37.18603>
- Mirkinson, J. (2019, 13 de maio). How women are leading the class struggle. *Splinter*. <https://splinternews.com/how-women-are-leading-the-class-struggle-1834721678>
- Moneta, M. de A. V. (2017). *A vontade de trabalhar para si – Emprego e experiência de classe* [Tese de doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas]. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2017.1014586>
- Moneta, M. (2022). A vontade de trabalhar para si e o significado do assalariamento no Recife. *Revista da ABET*, 21(1), 5–32. <https://doi.org/10.61999/abet.1676-4439.2022v21n1.55443>
- Oliveira, F. de. (2003). Crítica à razão dualista. *O ornitorrinco*. Boitempo.